

-ESTAMOS EN PROBAS-
Mándanos as túas suxerencias

Foro de opinión
Intercambia opinións con outros lectores .

¿Quieres colaborar?
Mándanos os teus artigos

Omnibus non se responsabiliza das opinións dadas polos seus colaboradores/as.

Prohibida a súa distribución con fins comerciais. Se desexa reproducir a páxina nalgún medio de comunicación, consulte primeiro co autor/a.

Suscríbete á Omnibus
Recibe no teu correo os novos artigos aparecidos na omnibus.

nome
e-mail
Enviar

Fotomnibus



Expón as tuas fotos na galería virtual da Omnibus. Neste número, o tema é "A xanela indiscreta"....



4

Política

As côres da multitude

Raimundo Viejo Viñas



Em tempos da Modernidade as côres jugaron un papel simbólico fundamental na política da emancipación. Hoje, cómpre pensar o papel das mesmas, tanto mais por quanto que a diário estamos a observar como os jogos cromáticos devenhem umha clave fundamental do discurso. Na reflexom deste artigo, aborda-se a importancia deste fenómeno político à vez que se procura adiantar umha reflexom a cada mais decisiva para o nosso futuro político: a necesidade de reconhecere a autonomia, convivência e multiplicidade de eixos emancipatórios que nos revelam as côres do caleidoscópico da multitude. Temos que saber pensar em verde sem danar o vermello, nem o celeste, nem o branco, nem qualesquera outra côr; mas, de igual jeito, nas nossas circunstancias actuais precisamos urgentemente de reconhecere a hegemonia discursiva de esse mesmo verde da ecologia política. Toda outra opção levará-nos a cometer os mesmos erros de sempre.

Desde há moito tempo, tanto que quase nom lembramos quando, as côres se convertiram numha ferramenta fundamental da retórica política. Os imaginários mais variados botarom mao das metáforas cromáticas para fazer possível a interacçom simbólica que informa toda luta política. A apropriaçom colectiva das côres políticas convertiu-se assi num elemento estratégico decisivo para o êxito final dos processos revolucionários que fixerom progressar ao Género Humano en cada etapa histórica.

O vermello, por exemplo, foi nas suas origes umha côr baixo hegemonia clerical (ainda hoje há bandeiras vermelhas que ondeam com esta significaçom sobre o ceo compostelano). Mas ainda em tempos antigos, quando a teocracia ainda regia boa parte do mundo, estouparom contradicçoms e luitas entre os poderosos e a multitude na que ésta desafiou à hegemonia cromática dos primeiros. Aconteceu assi que, já na Itália renacentista, o feito de sacudir guardanapos vermelhos polas janelas namentres pola rua passavam corruptos cardenais senhores daquel tempo, serviu para unir simbolicamente a quem tinha que padecer a oprimos e abusos destes mesmos.

O vermello cambiou de bando e para quando chegou o século XIX, era já umha côr identificada coa loita pola emancipaçom do movimento mais importante do seu tempo: o movimento obreiro. E embora a barbárie autocrática stalinista e hitleriana tentou as mais espúrias manipulaçoms sobre os símbolos incólumes do proletariado (o vermello foi côr fundamental das simbologias nazi e estalinista), ficou esta côr como herdo para a luita que se abre na contradicçom entre capital e trabalho. Por isso hoje todavía pode o precariado ondear com orgulho e dignidade o vermello anti-capitalista.

Mas o vermello ou o celeste nom som as únicas côres da multitude. Junto a el achamos violetas feministas, rosas e arco-da-velhas gays e lesbianos, brancos cívicos e pacifistas, negros libertários e assi até completar a constelaçom cromática da emancipaçom multitudinária.

Asemade, na Galiza, desde os primeiros momentos fundacionais da nossa mitologia nacional houvo côres chamadas a contribuir à construçom simbólica da nossa identidade colectiva. Brancos e azuis celestes foram chamados a ocupar um lugar privilegiado, mas também escoitamos loubar às nossas costas verdescentes. Já entom o verde demarcava, quase de jeito "natural", um dos nossos limes constituintes como Naçom. Na era do Estado nacional (que foi tempo do fracaso de um imperialismo espanhol de vermelhos e gualdas monárquicos, de grises e verdes policiaes e militares, de negros de águas e sotanas ou de azúis fascistas), a luita da Galiza pensou-se também num verde territorial. O movimento galeguista introduciu asi o verde na sua gama cromática nacional.

Porém, a incorporaçom do verde nom sempre foi harmoniosa e, chegado o tempo, mesmo rematou por mudar em cercenamento da emergência de umha matriz ideológica ecologista autónoma. E assi, na clave ideossistémica de interpretaçom territorialista intrínseca ao próprio Estado nacional, o industrialismo non achou eiva algunha à hora de despraçar ao ecologismo: Galiza concibida como território verde diluía-se nas côres ferrugentas da demanda de fábricas que a sacasem do atraso. Nom fahou entom quem sonhou umha Galiza chea de fumes grises. Mais umha vez, a multitude tomou a palavra às burocracias daquel gris arquivador de outro tempo: encoros, verquidos radiactivos e de todo tipo, fumes e quantas agressions perpetradas no nome do

Sobe á Omnibus

Vente de viaxe coa omnibus. Podes ser un pasaxeiro, mecánico, conductor, copiloto, etc... Hai moitas maneiras de participar e colaborar.

e-books Omnibus

Descarga totalmente gratis o e-book "La primera luz". En e-books Omnibus poderás disfrutar das mellores lecturas en formato electrónico.

Outros artigos do N°

Non hai máis artigos en esta sección

Noutros Números.

Non hai máis artigos en esta sección

Top

Artigos + visitados

1. Por que atraso
2. Patafísica e Poesía. Entrevís
3. A segunda vinda da Psicofónica
4. Apresentação da nova revista
5. Leite Vama e Cola-Cao. Encotro

Ligazóns + visitados

1. <http://www.rebellion.org/econo>
2. <http://www.rebellion.org/econo>
3. <http://www.galeon.com/bvchoms>

Documentos + visitados

1. documentos/chanclata2.pdf
2. documentos/Issice.pdf
3. documentos/Linguas_e_dialectos



progresso industrial acharom a resistència das multitudes que se manifestarom como se estam a manifestar. Hoje em día, nestes tempos de mundializaçom e constituïçom do Império, já nom é o verde territorial, mas o verde da vida ameaçada, o que está chamado a contribuír à luta das multitudes pola emancipaçom. Galiza, naçom constituinte deve incorporar fazer seu verde junto às outras côres das multitudes, deve permitir o seu pleno desenvolvemento sem por isso supeditar o contrapoder emancipatório de outras côres (nomeadamente o vermello e o celeste). Hoje mais que nunca, o verde configura-nos como umha espécie igual entre as espécies, como auténtico Género Humano, a história natural da qual escriberemos na derrota do capitalismo neoliberal.



Non hai opini3ns

